



A generosidade do Estado burguês para a força pública e a sua usura para os hospitais

Agora que tanto se fala na precária vida financeira dos hospitais, na urgência em auxiliá-los para que não fôssobrem, para que as deficiências de que enfermam não se tornem irremediáveis, não será de todo mau flagelar a atitude criminosa do Estado perante esses estabelecimentos de utilidade pública.

A generosidade do Estado para com os hospitais é a mesma que se verifica para com todas as outras instituições cuja função seja servir o povo. Quando para os serviços sanitários, de elementar higiene, a proposta orçamental para 1925-1926 destina apenas 696.308\$00, não nos admira que para os hospitais o mesmo Estado, orientado por idêntico critério estreito e criminoso, destine sómente 16.000 contos (e não 16 contos como ontém por lapso publicitário). Compreende-se que 16.000 contos para essas instituições que lutam com a extrema carestia de géneros, de produtos farmacêuticos, de aparelhos cirúrgicos, etc., sejam realmente uma quantia irrisória, principalmente quando nos lembrarmos que a guarda republicana gasta, ou melhor, desperdiça mais de 78 mil contos e o exército para cima de 279 mil contos.

Se houvesse, por parte do Estado ou por parte dos políticos incompetentes que nos governam, um pouco de bom senso e de isenção, não nos encontrariamos perante este absurdo revoltante: enquanto a guarda republicana, bem alimentada, bem apetrechada, bem paga, absorve dos cofres públicos a esmagadora quantia de 78 mil contos, só para desempenhar-se da missão odiosa de espingardear o povo e as crianças, como o fez em Silves, os hospitais que têm uma missão altruista a desempenhar, de fundamental interesse para a saúde do povo e para o vigorimento da raça, recebem quásí por esmola a miséria de 16 mil contos. Estamos convencidos de que estas pequenas verbas destinadas aos serviços de utilidade pública são votadas, mas para que não se diga que só o exército e a G. N. R. absorvem de uma maneira absoluta os dinheiros do povo, do que por os políticos entenderem que estas instituições

Vamos lá, pois, estender a mão à caridade, enquanto os políticos continuam a malabarar o dinheiro que roubam. Vamos lá, pois, cotizar-nos com o que pudermos para salvar os hospitais enquanto o exército heróico das revoluções na Rota absorve o que da pele nos arrancam. Vamos lá bater de porta em porta em busca de uma migalha que salve os doentes que não podem esperar pelo caldo, pelos medicamentos, enquanto nós perdemos o tempo a dizer verdades.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Ecos do Congresso Confederal

O diário sueco Arbetaren, órgão da Federação Central dos Sindicatos anarcos-sindicalistas da Suécia, publicou em um dos seus últimos números uma entrevista com o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa acerca do Congresso Confederal. A referida entrevista foi escrita e assinada pelo camarada Armando Borges que a fez publicar depois naquele importante diário do norte da Europa.

Uma crueldade

A odiseia daqueles dois manipuladores de pôr que há cerca de 6 meses foram inquiamente arremetidos para a esquerda de Santa Marta ainda não terminou. Depois dos reparos que a imprensa e o Parlamento fizeram às agressões de que foram vítimas tudo emudeceu. Nem uma única palavra, nem um único reparo. E os dois desgraçados permaneceram eternamente no mesmo túnel de suplício, no mesmo antro de sofrimento.

Ultimamente esse sofrimento aumentou José Abrantes Castanheira—uma das vítimas—adoeceu. Pedia, como era humano, um médico. Recusaram-lho. Se quisesse medico pagasse a consulta—40\$00—afirmou o cabo 98 que desempenha ali o cargo de chefe interino.

Mais: os parentes dos presos não podem visitá-los. Foi-lhe proibido pelo cabo!

Quando terminará o regime de crueldade a que estão sujeitos estes presos?

Outra guerra?

Mais um conflito armado entre dois povos—o grego e o búlgaro. Principiou por um ligeiro incidente na fronteira greco-búlgara. Um soldado grego matou uma sentinela búlgara. Seguiu-se depois tiroteio entre gregos e búlgaros, que se generalizou num combate cerrado. Os gregos avançaram no território búlgaro, com artilharia, tendo ocupado a cidade de Petrich. Agora ameaçam avançar sobre Sofia, a capital da Bulgária. Anda ao que parece, sob esta máscara de incidente, qualquer ambição capitalista—aguda ambição capitalista que em 1914 acendeu a fogueira fratricida no centro da Europa.

Bem o percebemos...

O professor Martinho Nobre de Melo é sindicalista, sindicalista das direitas—o que não quer dizer sindicalista das direitas... Bebeu em Jorge Valois as suas doutrinas, entretanto, digamos de passagem, são muito mais interessantes, a despeito dos seus absurdos, do que os vagas doutrinas de certos democratas que juntam poder reconstituir a velha sociedade com o sôpore das palavras. Fiel às doutrinas puras do sindicalismo integralista, que são anti-parlamentares, anti-eletorais,

como as nossas, aplaudiu o nosso abstencionismo eleitoral. Agradecemos o aplauso não por concordâncias com o seu sindicalismo abstencionista que, em vez de se tornar por um objectivo de máxima liberdade, se desvia por um caminho de opressão, de consolidação da rígida autoridade, de consiliação das classes irreconciliáveis e de supremacia do patronato.

Bem o percebemos—muito obrigado.

O sr. general

Aderindo ao partido radical o general sr. Gomes da Costa, que há alguns anos vem defendendo na imprensa uma ditadura de ferro que anule todas as regalias e liberdades e tão carinhosamente defendeu os conservadores absolvidos na Sala do Risco. Temos radical o sr. Gomes da Costa. Radical—porquê? Que factos teriam determinado um tão brusco reviramento de opinião no cérebro guerreiro do sr. general Bonaparte da Costa?

Ele o diz: ter sido o partido radical o

único que lhe ofereceu uma candidatura. São assim as convicções do sr. Gomes da Costa e do partido radical. Uma candidatura prevalece sobre uma consciência. As convicções são substituídas por um leitão.

E quem dá mais adquire o convito. Quem

deu mais foi o partido radical, numa hora

amarga em que o sr. Gomes da Costa

confessou que «só me convinham para fretes

que não davam vintém».

Os cinco da polícia

Cinco indivíduos que não conhecemos que presumimos serem moradores na freguesia dos Anjos mostram-se, numa circular impressa que nos enviaram, muito condoidos com a falta de comodidades da polícia da 9.ª esquadra e pedem-nos um donativo para a aquisição de enxéregas e mantas. É claro que o nosso amor pela vida humana não vai abranger os polícias porque os fracos recursos que possuímos têm para as famílias das vítimas assassinadas pelos «fanáticos» de sabre à cinta.

Oxalá que um tiro ou uma sabatada, dadas a tempo e em cheio nadum dos assinantes da circular, não venha a dar-lhes um arrependimento semelhante aos dos amigos que num dia das fábulas de La Fontaine pediam um rei...

E' que a polícia quando espanta ou mata não distingue, não enxerga—quem lhe deu uma enxérga.

O descarrilamento de Figueirinha

Segundo comunicação telegráfica que recebemos de Beja, o comício que devia realizar-se naquela cidade ontem, ficou adiado para o dia que oportunamente será anunciado.

Uma resposta condigna do povo de Santarém às insolentes provocações da União dos Interesses Económicos

SANTARÉM, 22.—Uma comissão de comerciantes, composta pelos adeptos da U. I. E. Helio Guimarães, Ary Belchior, António Paula, Valentim Godinho e Carlos Marques, promoveu uma sessão de propaganda em que deveriam usar da palavra Pereira da Rosa, Luís Gama e o celebre Carlos de Oliveira.

O resultado deste critério tacanho é o que se está vendendo, o que se está observando. Chega-se à vergonha de pedir o auxílio dos particulares, já tão sobrecarregados de impostos e de sacrifícios que as «fórcas vivas» lhes impõem para que salvem com o seu óbulo — afrontoso para a dignidade dos governantes culpados d'este descalabro — os pobres hospitais que são em toda a parte do mundo civilizado considerados sagradas instituições por cujo bom funcionamento, acima de tudo, se deve velar.

Não contrariamos, como ontem frizâmos em outro artigo, a iniciativa em marcha de auxílio aos hospitais. Não contrariamos porque, na situação afflita em que elas se encontram, tal altitude além de antipática seria criminosa. Os hospitais precisam de dinheiro? Arranje-se esse dinheiro de qualquer maneira — ou por subscrição ou mendigando de porta em porta, da maneira mais subversiva, mas arranje-se esse dinheiro. A situação desesperada dessas instituições impõe neste momento ao povo o sacrifício mesmo da sua dignidade. Sim, porque ir mendigar dinheiro para os hospitais, que têm um miserável subsídio de 16 mil contos, num país em que um exército inútil de canhões sem culatra e de oficiais sem soldados absorve 279 mil contos — é uma indignidade que podemos arremessar à cara dos políticos ainda mais indignos que conduziram com a sua administração cívilos o país, o povo — a prática de actos degradantes. Tão degradantes como este: mendigar dinheiro para os hospitais.

Helio Guimarães faz a apresentação, trêmulo e nevrótico, pouco senhor do papel que representava. E' dada a palavra a Carlos de Oliveira. Sobe ao estrado e logo a seguir irrompe da assistência uma forte e bastante prolongada pataca, a par com as palmas dumha dezena de comerciantes que rodeavam a mesa e um ou outro que isolado correspondia. A custo de Carlos de Oliveira consegue pronunciar algumas palavras que logo eram entrecortadas com apertos acres e protestos ruídosos. Com a eloqüência dum vendedor de elixires, expende uma arena personalista exaltando-se a si próprio, chegando à afirmativa de que o povo, se melhor comprehendesse a obra já átila da U. I. E., curvar-se-ia reverente à passagem da Junta Central daquele organismo «que se propõe salvar o país dos magnates da política, com a sua ação de política nacional». Incide num ataque ao Estado, tocando a estafa ária das estradas, só para salientar, «em voz clara», que o seu automóvel, o seu ganha-pão, a sua «enxada», que ele estima tanto como o operário a sua ferramenta; sim o seu automóvel, diz ele em tom comovedor, «ficou retido num barreiro onde cabia a assistência, e ele, magro, séco, esgotado pelo trabalho árduo, ficou com o coração abalado, os rins magoados e o fígado dilacerado». Continua a verborreia e mudando de timbre querre arrebatar, grita, vocifera frases desconexas, vassas de sentido, declarando-se «o português que os políticos temem por honrado e sério». Falha duma vida de trabalho honesto, com que enriqueceu. Já teve calos nas mãos criados pela vassoura quando marçano e por isso sabe o que é trabalhar, por isso é um grande amigo dos muitos operários que por sua conta trabalham.

Nesta altura os protestos redobram de intensidade, há apertos veementes, aos quais o sr. Oliveira responde com uma petulante audácia que acirra cada vez mais os animos já exaltados.

Fala em meneus da classe operária, dizendo muito estimar os operários honestos, considerando-os «seus colaboradores», com quem quer confraternizar, etc.—Grande sussurro, protestos, havendo quem peça a contradita. Audaciosamente, afirma-se valente, nunca temeu nem tem a morte. Grita-se: Cobarde fugiste para Espanha, e nem fôste só, levaste um polícia a acompanhá-lo!

Ele responde:—Fugi para não ser assassinado na prisão!

Prosegue com dificuldade, e para afrouxar os protestos, recorre ao fraseado óco do sentimentalismo, mudando o disco para a área da instrução.

—Eu prometo e cumpriré; darei ao povo as escolas suficientes para se educar. Estas verdades nenhum político ainda as disse. Além da política faremos uma obra nacional, de economia e defesa dos nossos interesses, que são os interesses do Estado e queremos também que o Estado não seja o nosso ladrão.

—Temos pago centenas de contos de impostos só para a vorágem!

Borburiño, e ouve-se: «Abaixo os exploradores do povo!»

—Não señor, diz o orador: na U. I. E., não há exploradores. Se os há na nossa classe elas não terão guarda rã, enquanto eu estiver.

Risos.

—Os exploradores, continua, estão com os partidos políticos, e nós não os vendemos, neste país de cafés.

Fala agora da guerra e dos políticos. Vêm a baila os fornecimentos de serradura por conserva. Ele, expedidor de sardinhas, é grande industrial, sério, como toda a gente sabe, nunca fez dessas falcatruras. Aprecia ao de leve um manifesto em que se define o que é U. I. E., transcrito de A Batalha, limitando-se a dizer: cá é a gente que é a U. I. E. Ainda houve uns homens fadas há...

ACTUALIDADES NO ESTRANGEIRO

EM INGLATERRA

Proezas fascistas

LONDRES, 19.—Encorajados pela impunidade, defendidos aberta ou secretamente pela polícia, os fascistas ingleses multiplicam os seus actos de brutalidade, que são idênticos aos dos fascistas italianos.

Os fascistas ingleses andam armados, como se prova pelo caso que se deu há dias no «faubourg» de Islington, em Londres. Um caminhão pertencente ao «Daily Herald» que transportava para a gare de Euston uma grande quantidade de pacotes de jornais que se destinavam à província, foi atacado em pleno centro de Londres.

Quatro fascistas armados com revólveres mandaram parar o caminhão, obligaram o «chauffeur» a descer e depois puçaram-se em fuga com o carro.

Falhos de experiência, os bandidos atiraram com o caminhão de encontro à grade da igreja de S. Clement, junto ao Palácio da Justiça, tendo-se em seguida posto em fuga abandonando o veículo e os jornais.

NA DINAMARCA

A abolição do serviço militar obrigatório

O governo dinamarquês esta semana defensora no Parlamento um projecto de lei sobre o desarmamento.

Esse projecto prevê, principalmente, a destruição de todas as fortalezas. As oficinas do exército e as instalações da marinha de guerra serão transformadas em empresas ordinárias do Estado e não servirão sómente à futura marinha mercante, mas também às outras necessidades do Estado.

Haverá um corpo de guarda que ficará às ordens dumha direcção central. Esse organismo compreenderá três corpos centrais e dois corpos de distrito, um dos quais ficará ao oriente e o outro ao ocidente. Esse corpo de guarda destinar-se-há exclusivamente à fiscalização alfandegária.

O serviço militar obrigatório será abolido.

EM FRANÇA

A Conferência Nacional Comunista

A conferência nacional do partido comunista francês, que já por duas vezes tinha sido adiada, efectuou-se por fim no domingo passado no burgo de Sury, situado nos arredores de Paris.

Os comunistas franceses ligaram uma grande importância a esta conferência, realizada após as assembleias imperialistas de Genebra e de Locarno e a seguir aos congressos socialista e radical.

Tratava-se de dar uma nova orientação tanto à política interna como externa do partido e de discutir as teses que serão apresentadas no próximo congresso nacional que se realiza no próximo mês de Janeiro.

Semard no seu relatório chamou a atenção do partido para as duas nações coligidas para a destruição da República dos Sóviets: A Inglaterra e os Estados Unidos. Lembrava, no entanto, a rivalidade existente entre elas sobre a supremacia do Pacífico, os antagonismos frances, inglês e italiano no Mediterrâneo e afirmava que dessas rivalidades nascerá uma nova guerra mundial.

Defende as reivindicações operárias contra as ilusões reformistas, lembrando a atitude dos socialistas, no pacto de Marrocos e na repressão contra a classe operária.

O presidente da conferência anunciou à assembleia que os representantes da direita do partido não acederam ao convite da direcção para vir discutir as teses apresentadas.

Vários oradores insurgem-se contra a atitude da feição direitista cujas teses se aproximam mais das teorias dos socialistas democratas do que das do comunismo e após larga discussão é enviada para a mesa moço contra o «trabalho divisionista» que será examinada pela comissão política.

Uma arbitrariedade!

O nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa encontrava-se em Aldeagalega, onde foi com delegado da C. G. T. devido a existir naquela vila ribatejana uma greve de operárias chacinheiras. O gesto das grevistas é digno da simpatia de todos nós e impõe-se, como o valor indiscutível dum exemplo a todos os trabalhadores sobre o qual impende a ameaça da baixa dos salários.

Pois ontem, o nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa quando saiu da casa onde se encontrava hospedado foi arbitrariamente detido pelo sargento da força da G. N. daquela vila. A sua prisão obedeceu à suposi

Governo Civil. Os conspiradores do 18 de Abril, os democráticos e os monárquicos serão os únicos que ficarão com a fábrica das leis nas mãos. Os resultados estão à vista. A repressão sobre as classes operárias será mais violenta então.

Nessa altura dirão os chamados liberais: «A culpa pertence ao operariado que não quis votar.» Convém aqui dizer que O Mundo já afirmou que os abstencionistas não têm que se queixar do futuro parlamento se ele for constituído só por reacionários.

Ora é preciso ser-se muito ingênuo para se acreditar que mesmo que todo o operariado votasse, o parlamento modificaria a sua feição opressiva e reacionária, porque teria lá uma maioria de liberais.

«Não se viu recentemente o que sucedeu na Inglaterra e na França? Quais foram os resultados que obtiveram as classes operárias? Os trabalhistas ingleses e os radicais franceses só permaneceram no poder enquanto os conservadores lhes conveio. Depois de terem realizado a obra que à reação convinha, mas que elas não quizeram fazer, foram corridos, sendo agora maior a perseguição e a guerra aos trabalhadores.

Portugal foi sempre um grande importador dos figurinos estrangeiros e agora quiz trazer de França o mais moderno — o cartel. Para quê? Da forma como está montada a máquina eleitoral, quem é capaz de vencer o Partido Democrático e os seus aliados reacionários?

Se em Portugal efectivamente há verdadeiros republicanos, sinceros liberais e desinteressados amigos do povo, não é no Parlamento que elas devem confiar mas sim numa outra acção mais arriscada mas mais eficaz, de contrário teremos que viver eternamente neste pandemónio assfixiante e quase impossível de suportar.

A classe operária está farta de ser ludibriada e por isso já não se deixam embalar com as cantigas dos seus presunços amigos.

Porém, quando tem sido preciso o seu concurso para a defesa das liberdades conquistadas, ela imediatamente comparece no seu posto e continuará mantendo o mesmo critério, julgamos nós, até que os factos lhe demonstrem que o seu modo de viver é errado.

Dizemos acima que aos trabalhadores vai ser atribuída a culpa da constituição dum Parlamento relativamente reacionário. Essa acusação é infundada, tanto mais quanto é certo que a massa de eleitores não é só constituída pelos burgueses, pois infelizmente ainda há muitos operários que estão convencidos de que a sua emancipação se operará por meio das urnas. Além disso julgamos que embora a maioria esmagadora da população não vote, ela tem sempre o direito de protestar contra qualquer acto parlamentar que a prejudique ou ofenda. Ou não será assim?

Por tal motivo a classe operária deve preparar-se convenientemente para resistir às arremetidas dos novos-velhos agentes da Internacional Negra que lá para Dezembro se instalarão no antigo convento de São Bento onde viveram e medraram seus antepassados.

E' preciso que os trabalhadores só confiem na sua força, não se deixando sugerir por aqueles que se dizem seus únicos e leais defensores procurando conduzi-los para as suas igrejinhas. Unidos, temos força; e a união deve ser feita dentro do nosso organismo central. Se alguém que diz não ser suficiente só a organização operária para enfrentar a reacção que nos pretende amordaçar definitivamente, esse alguém que lute conforme entender, mas não procure desunir a massa trabalhadora, servindo-se de processos pouco honestos.

Pra finalizar osonsaremos dizer que não houvessem aparecido os chamados sci- sionistas, talvez os reacionários não tivessem coragem para impor aos seus mandatários aquilo que há muito tempo era sua intenção — as deportações, os assassinatos e as prisões de dezenas de operários. Estaremos em êrro pensando desta maneira? Talvez, mas o que é certo é que temos ouvido esta opinião a muitos operários que vêm com desgosto as lutas que últimamente se têm travado no seio da organização operária com as quais só tem a lucrar o nosso comunimigo — o capitalismo.

M. COSTA
Operário sindicado

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

A Conferência de Locarno

Faz que anda...

BERLIM, 23 — O conselho de ministros conclui ontem de manhã o debate sobre as negociações de Locarno, sem votação, tendo autorizado o chanceler Luther e o sr. Stressmann expôr os pontos de vista do governo à comissão dos negócios estrangeiros do Reichstag.

Esta comissão reuniu-se de tarde, ouvindo as exposições daqueles ministros, tendo dado à noite o debate por terminado, sem tomar, contudo, qualquer decisão.

Os membros da comissão concordaram em esperar os resultados das discussões diplomáticas que estão prosseguindo entre Berlim, Paris e Londres, com o intento de ver realizadas as promessas feitas em Locarno.

O bailado das notas

BERLIM, 23 — Uma nova nota sobre a questão do desarmamento e as promessas feitas em Locarno pelos aliados, envolvendo a evasão da zona de Colonia, foi ontem enviada a Paris.

A extinção dos Armazens Reguladores
Realiza-se amanhã, pelas 11 horas, na sede da Associação dos Caixeiros uma reunião magna de todo o pessoal contratado e assalariado do Comissariado dos Abastecimentos para apreciar as *démarches* efectuadas por uma comissão junto da Bolsa Agrícola, a fim de obter colocação para os que sejam despedidos, devido à próxima extinção dos Armazens Reguladores.

A prometida paz...

Agrava-se o conflito grego-búlgaro

ROMA, 23.—Segundo as notícias recebidas nesta cidade, os gregos continuam a avançar pelo território búlgaro, sem aguardar a terminação do «ultimatum», cujo prazo expira ao meio dia de hoje.

Corre o boato de que, além de Petrich, outras cidades foram ocupadas.

Segundo ainda se afirma, o governo búlgaro vai pedir autorização aos aliados para ordenar a mobilização geral, a fim de poder proteger os legítimos direitos de soberania búlgara.

O cozinharido ferventa...

PARIS, 23.—Um comunicado de Sofia confirma que as tropas gregas penetraram já com artilharia em território búlgaro, matando cinco sentinelas e iniciando o bombardeamento de Petrich.

Sabe-se também que o governo grego não respondeu ainda à proposta do inquérito sobre os incidentes da fronteira feita pelo gabinete de Sofia.

Parece que a Grécia preparava há muito golpe de mão sobre os territórios fronteiriços da Bulgária.

Horror às responsabilidades

SOFIA, 23.—O governo búlgaro engeita as responsabilidades do incidente ocorrido na fronteira grega, insistindo na realização dum inquérito e protestando vigorosamente contra a invasão do território búlgaro pelas tropas gregas, da qual já resultaram vários mortos e feridos.

Depois do mal...

ATENAS, 23.—Em consequência do conflito com a Bulgária, o ministro dos estrangeiros pediu a demissão, sendo substituído pelo seu colega da marinha.

A ordem é... matar

ATENAS, 23.—O chefe do governo, Panagos, recusou-se a aceitar a proposta búlgara para a realização dum inquérito sobre os incidentes da fronteira.

Oficialmente se anuncia que o terceiro exército avançou sobre o território búlgaro, ocupando a cidade de Petrich, onde se conservará até ser obtida completa satisfação das reclamações dirigidas ao governo de Sofia. Os postos búlgaros da fronteira ofereceram resistência às tropas gregas, sendo derrotados. Os combates continuam,

SOLIDARIEDADE

Pró Antônio Viegas Lopes

E' amanhã que tem lugar no Salão de Festas da Construção Civil a festa de homenagem a Antônio Viegas Lopes, há tempos doente.

Sobe à cena a peça em 1 ato «Mentira» que será desempenhada por distintos amigos. Haverá um acto de variedades e vários cultivadores da canção nacional farão ouvir algumas das suas melhores produções poéticas.

Os bilhetes podem ser procurados a Joaquim Madeira, administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2º.

Pró-Elvira Loureiro

No Salão de Festas da Construção Civil realiza-se hoje, às 21 horas, uma grandiosa festa em benefício de Elvira Loureiro que se encontra impossibilitada de trabalhar. Subirá à cena o drama «O dedo de Deus» e a comédia «Zázá».

A festa será abrillantada pela troupe de bandolinistas «Boa Estrela», regida pelo mestre Mário Fragoso.

Os poucos bilhetes que restam estão à venda à entrada do Salão.

Pró Venceslau do Carmo Pereira

No dia 1 de Novembro, no Salão de Festas do Sindicato Metalúrgico de Lisboa, rua da Esperança, 204-2, tem lugar, às 20,30 horas, uma grandiosa festa em favor de Venceslau do Carmo Pereira que se encontra doente.

Pró-Congresso Juvenil

Promovido pelo grupo dramático «O Despertar», do qual é proprietário o Núcleo da Juventude Sindicalista de Silves, realiza-se hoje naquela cidade uma grandiosa festa em favor das despesas a fazer com a realização do 2º Congresso das Juventudes Sindicalistas, subindo à cena as peças «Fome e Honra», «Amanhã» e «Cômeda e Tragédia».

Pró-Governo dos Recreios

As crianças da freguesia das Mercês assistem à matinée de hoje no Colégio dos Recreios

Este drama foi ontem, em São Carlos, ouvido religiosamente, tendo tido a grande artista Lucília Simões, à sua entrada em cena, uma calorosa manifestação; nos finais de acto houve clamadas, especiais a Lucília, Erico, Almada, etc., etc.

Pró-Sociedades de recreio

Grupo Dramático «Os Combatentes». Hoje grandioso baile abrillantado por um grupo instrumental da «Cruz Quebrada». Amanhã, às 18 horas, concerto musical. A 21 horas, baile.

Pró-Venceslau do Carmo Pereira

No dia 1 de Novembro, no Salão de Festas da Construção Civil, avenida da Esperança, 204-2, tem lugar, às 20,30 horas, uma grandiosa festa em favor de Venceslau do Carmo Pereira que se encontra doente.

Pró-Congresso Juvenil

Promovido pelo grupo dramático «O Despertar», do qual é proprietário o Núcleo da Juventude Sindicalista de Silves, realiza-se hoje naquela cidade uma grandiosa festa em favor das despesas a fazer com a realização do 2º Congresso das Juventudes Sindicalistas, subindo à cena as peças «Fome e Honra», «Amanhã» e «Cômeda e Tragédia».

Pró-Governo dos Recreios

As crianças da freguesia das Mercês assistem à matinée de hoje no Colégio dos Recreios

Este drama foi ontem, em São Carlos, ouvido religiosamente, tendo tido a grande artista Lucília Simões, à sua entrada em cena, uma calorosa manifestação; nos finais de acto houve clamadas, especiais a Lucília, Erico, Almada, etc., etc.

Pró-AGREMIAÇÕES VARIAS

Associação dos Empresários Portugueses. Na sua reunião de ontem e por proposta do sr. Ricardo Covões, lançou na acta um voto de pesar pelo falecimento da filha do dr. José Pontes e tratou, entre outros assuntos, da fixação de cartazes nas ruas e lugares públicos, assuntos estes que ficaram para ser resolvidos na próxima assembleia magna que deve efectuar-se na segunda-feira, 26 de outubro, às 4 horas da tarde.

Pró-bailado das notas

BERLIM, 23 — Uma nova nota sobre a questão do desarmamento e as promessas feitas em Locarno pelos aliados, envolvendo a evasão da zona de Colonia, foi ontem enviada a Paris.

Pró-ACADEMIA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pró-ACADEMIA DE SAIR

A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arckino. Preço 50.

A GREVE DO HAVRE

A "Humanité" publicou uma notícia infamante para os marítimos de longo curso

A greve dos marinheiros do Havre que dura há já bastante tempo obriga o paquete «Amiral-Gauthier» a dirigir-se a Cherbourg para arranjar tripulantes. O navio que se dirige ao Brasil completará a sua equipagem em Lisboa com marinheiros portugueses, segundo lemos no órgão comunista de Paris, *Humanité*.

Os marinheiros de todas as especialidades do porto do Havre, reunidos em sessão magna, protestaram contra a atitude arbitrária da Companhia Geral Transatlântica que se recusa a satisfazer as suas reclamações e pediram a demissão do sub-secretário de Estado da marinha mercante, em virtude da sua incapacidade, várias vezes manifestada que originou a miséria de centenas de trabalhadores do paquete «France».

Resolveram chamar também a atenção do presidente do Conselho para a incorrecta conduta do administrador de inscrição marítima do Havre, que em contradição com as próprias leis de Colbert, se transformou num encarcerado perseguidor dos marinheiros da marinha mercante.

Equivocou-se a *Humanité*. Os marinheiros da marinha mercante portuguesa não se prestam a traír greves, pois sabem entender, para além das fronteiras, os seus deveres de solidariedade. Estamos certos de que não se fará esperar um desmentido formal à tona da *Humanité* por parte dos marinheiros da marinha mercante.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A polícia pouco se preocupou com a situação dos presos. Transferidos para a esquadra da Mouraria a pretexto de terem estabelecido a irritória verba de 4\$50 os presos preferiram não a aceitar a finge que se alimentavam. Foi uma decisão de sinal bastante violenta.

A BATALHA

INTERESSES DE CLASSE

Aos tipógrafos em geral

Prossegue amanhã, no nosso sindicato, — funcionando a assemblea com qualquer número, vista ser prolongamento da sessão de domingo passado — a discussão dum projeto, apresentada por uma comissão de colegas dos quadros dos jornais, sobre greves gerais e suas anomalias.

Se bem que a comparação à primeira sessão fosse bastante animadora e deixe ante o inicio de regeneração de alguns, que raro apareciam, não será demais frizar a conveniência de não deixar esse qualquer número à mercê dos diretamente interessados, abandonando um assunto que deve ser resolvido por forma a não dar às restantes classes organizadas a triste impressão de que estamos andando para traz.

Recusou-se a assemblea de domingo a admitir um documento que quanto a mim pecava, apena, por tratar as coisas pelos seus verdadeiros nomes.

Vencido, mas não convencido (disso estou certo), pela atitude da assemblea, resolveu o apresentante aproveitar este intervalo para, com calma e paciência, limar as aristas contundentes da sua obra que, injustamente, poderiam agravar aqueles de quem a classe há muito se habitou a receber inúmeras provas de consideração.

Será, pois, em volta desses dois documentos que girará a discussão de amanhã, e o assunto afigura-se-me de importância bastante para que, não só os que assistiram ao inicio destes trabalhos, mas ainda aqueles que, no passado domingo, lamentavelmente se esqueceram, compareçam a esta reunião, dispostos a arrumá-lo no seu devido lugar.

Resolvido, porém, este problema, outros de menor importância, e derivados do Congresso Gráfico, há pouco realizado, serão de ser presentes a assembleas da classe, e necessário se torna acabar, dum vez para sempre, com o errado critério de que o único dever dos associados consiste em ter em dia a sua cederneta.

Se é certo que esse é dos principais, outros existem que é mister cumprir sem desfaçimentos, e entre esses ressalta o de comparecer às assembleias, disposto, pelo menos, a aprovar ou rejeitar, com consciência, os trabalhos que forem submetidos à sua sanção.

Urge, enfim, que todos os esforços se congreguem em volta do sindicato, único baluarte donde poderemos impor as nossas reivindicações, que será tanto mais forte e aguerrido quanto maior fôr a força da nossa coesão em seu redor.

Lyster FRANCO
Tipógrafo sindicado

A sede única dos gráficos

Já nestas colunas os meus colegas Virgílio Moura Santos e Ernesto de Carvalho, chamaram a atenção dos gráficos para a necessidade dos organismos profissionais adquirirem uma sede, onde os mesmos se instalarem amplamente.

Estou plenamente de acordo, e os meus pretestos estão à disposição de quem queira dedicar-se ao trabalho de efectivar essa aspiração, porque tenho a certeza que encontrará o melhor alçamento por parte de todos os elementos da gráfica.

O meu desejo não é arranjar uma sede para os compositores tipográficos, mas sim para todos os trabalhadores do Livro, do Jornal, profissões similares, cuja instalação esteja no nosso caso. E parece-me que todos os organismos gráficos vivem na mesma situação. Falta-lhes sede própria. E, portanto, imprescindível uma casa comum, a junção de todos, tanto pelas vantagens de organização, como dos trabalhos a encetar nas respectivas classes.

Não devemos esquecer que uma assembleia nossa deliberou que para a criação do Sindicato de Indústria era necessária uma sede onde estivessem instalados todos os componentes da gráfica e respectiva oficina dos compositores.

No II Congresso realizado em Santarém foí a mesma resolução aprovada, assim como a constituição do Sindicato de Indústria, que só poderá ter exequibilidade quando existir casa suficiente para a expansão que necessitamos.

Mas isto só se conseguirá se interessarmos todos os organismos, e não é difícil. Cada um tem arrecadado certas quantias para o mesmo efeito. Vamos, pois, juntar os esforços e distribuir funções de maneira a alcançarmos o nosso desideratum: uma sede única, comum a todos.

Não podem os sindicatos continuar a haver gabinetes doutras colectividades, quaisquer favor, sem aquela ponto de contacto que se reconhece como útil e necessário à defesa dos seus interesses profissionais, económicos e sociais.

Máos à obra. Uma ideia. A Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e similares convocaria todos os Sindicatos nacionais dois delegados que constituiriam com um delegado seu a Comissão Pró-sede dos Gráficos e deliberarão pôr em execução alguns alvites já apresentados ou outros que entendessem de maior oportunidade e de mais rápido aproveitamento.

E tenho a certeza que dentro de pouco tempo os organismos teriam uma sede própria, onde todos os seus filiados, encontrariam forma de recrear o espírito biblioteca, sessões de propaganda e protesto; conferências sobre higiene nas oficinas, educação sindical, problemas sociológicos, científicos filosóficos, etc., etc.

Uma sede comum impõe-se como um dever!

Carlos José de SOUSA

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Os delegados desse organismo procuraram na tesouraria do ministério do Trabalho o sr. Cunha Belém para saber o que havia com respeito à verba para a reabertura das obras da Maternidade.

Por aquele senhor foi dito que em vista de ter sido aumentada para 400 contos a primeira prestação, tiveram que ser entregues novos documentos à repartição da contabilidade do ministério das Finanças; por isso está esperando que esses documentos baixem à tesouraria, pelo que a comissão voltará hoje para saber o que há a tal respeito.

Também se sabe, por via particular, que a comissão dos engenheiros que foram nomeados para estudar o projecto das obras do edifício das Encomendas Postais já reuniu para tratar do assunto.

AS GREVES

Quadro tipográfico de "A Epoca"

Os quadros dos jornais resolveram auxiliar monetariamente os grevistas

A-pésar dos esforços dispendidos em recrutar pessoal para a manufatura do jornal *A Epoca*, a empresa têm-se visto seriamente embaraçada lançando mão de indivíduos de moral duvidosa e não profissionais como um tal Arnaldo Silva, ex-empregado da administração de que há tempos foram dispensados os seus serviços por ter burlado a empresa; um outro de nome Herculeu e o filho do chefe sr. Figueiredo, que foi obrigado a sair da oficina por ter utilizado uma grande porção de tipo corpo 6, deitando-lhe nas retretes; um polícia das ruas, de nome Franco dos tipógrafos um de Vila Franca de Xira e outro de Évora de nome Simpliciano de Brito, que segundo consta lhes fora notificado se um dia se sindicassem seriam despedidos.

E' provável que estes dois tipógrafos não estejam informados do conflito, de contrário não se prestariam ao papel de traidores duma causa justa, e que terminado este conflito, tenham que regressar às localidades donde vieram enganados.

Os delegados dos jornais que ontêm reunido para assentir na solidariedade a prestar aos grevistas resolveram encarregar a direção do seu sindicato a estipular a cota de auxílio que cada componente contribuirá semanalmente, em quanto se prolongar o conflito.

A solidariedade dos vendedores dos jornais

Excede toda a expectativa a solidariedade dos vendedores de jornais aos grevistas de *A Epoca*, que se manterá enquanto durar o conflito. Ela não atingiu os vendedores das linhas de Sintra, Amadora, linha norte, Barreiro, Setúbal, Alcacer e algumas terras da linha de Cascais.

O sindicato procurará dentro em pouco levá-la a todos os pontos do país, assim como registrou a adesão de alguns distribuidores que na segunda-feira abandonaram aquele jornal.

Resolveu também o sindicato dos vendedores de jornais oficiar aos seus colegas do Porto para secundarem, ali, a greve.

Operários que não recebem salário

Em carta que nos dirigiram, os operários que trabalham na construção da muralha que vai do Seixal a Arrentela queixam-se de que há 21 dias não recebem salário, nenhuma importância ligando a sua situação a administração da Divisão Hidráulica. Pedem-nos aqueles operários para tornarmos pública a sua situação, o que por este meio fazemos.

EM CABEÇO DE VIDE

Novos pormenores sobre o caso Maridalho

CABEÇO DE VIDE, 22.—O caso Maridalho assim se deve chamar o conflito provocado pelo célebre Maridalho—está longe do seu fim. Afigura-se-nos que é que todos os organismos gráficos vivem na mesma situação. Falta-lhes sede própria. E, portanto, imprescindível uma casa comum, a junção de todos, tanto pelas vantagens de organização, como dos trabalhos a encetar nas respectivas classes.

Não devemos esquecer que uma assembleia nossa deliberou que para a criação do Sindicato de Indústria era necessária uma sede onde estivessem instalados todos os componentes da gráfica e respectiva oficina dos compositores.

No II Congresso realizado em Santarém foí a mesma resolução aprovada, assim como a constituição do Sindicato de Indústria, que só poderá ter exequibilidade quando existir casa suficiente para a expansão que necessitamos.

Mas isto só se conseguirá se interessarmos todos os organismos, e não é difícil. Cada um tem arrecadado certas quantias para o mesmo efeito. Vamos, pois, juntar os esforços e distribuir funções de maneira a alcançarmos o nosso desideratum: uma sede única, comum a todos.

Não podem os sindicatos continuar a haver gabinetes doutras colectividades, quaisquer favor, sem aquela ponto de contacto que se reconhece como útil e necessário à defesa dos seus interesses profissionais, económicos e sociais.

Máos à obra. Uma ideia. A Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e similares convocaria todos os Sindicatos nacionais dois delegados que constituiriam com um delegado seu a Comissão Pró-sede dos Gráficos e deliberarão pôr em execução alguns alvites já apresentados ou outros que entendessem de maior oportunidade e de mais rápido aproveitamento.

E tenho a certeza que dentro de pouco tempo os organismos teriam uma sede própria, onde todos os seus filiados, encontrariam forma de recrear o espírito biblioteca, sessões de propaganda e protesto; conferências sobre higiene nas oficinas, educação sindical, problemas sociológicos, científicos filosóficos, etc., etc.

Uma sede comum impõe-se como um dever!

Carlos José de SOUSA

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

Os delegados desse organismo procuraram na tesouraria do ministério do Trabalho o sr. Cunha Belém para saber o que havia com respeito à verba para a reabertura das obras da Maternidade.

Por aquele senhor foi dito que em vista de ter sido aumentada para 400 contos a primeira prestação, tiveram que ser entregues novos documentos à repartição da contabilidade do ministério das Finanças; por isso está esperando que esses documentos baixem à tesouraria, pelo que a comissão voltará hoje para saber o que há a tal respeito.

Também se sabe, por via particular, que a comissão dos engenheiros que foram nomeados para estudar o projecto das obras do edifício das Encomendas Postais já reuniu para tratar do assunto.

A todos os sindicatos operários do país

Vai *A Batalha* publicar um almanaque para 1926 no qual tenciono inserir uma lista, o mais completa possível, de todos os organismos existentes no país. Para esse efeito solicitamos de todos os sindicatos que preencham o questionário abaixo e o enviem urgentemente à nossa administração.

QUESTIONÁRIO

Título do Sindicato _____

Sede _____

Data da fundação: dia _____ do ano de _____

Tem escola? _____ Para crianças? _____ Para adultos? _____

Indicar a quantidade de alunos.

População associativa:

homens _____

mulheres _____

Mais sindicatos instalados na sua sede _____

ou na mesma localidade (freguesia ou concelho): Títulos e sedes: _____

Sindicatos da mesma especialidade ou indústria noutras terras do país: Títulos e sedes: _____

Um modelo de encarregado da Companhia Fiação e Tecidos Portuense

Contra o assalto à C. G. I. O Sindicato Único Metalúrgico de Gaia, que acaba de reorganizar-se, em sua última reunião, aprovou um protesto contra o assalto a C. G. T.

O Conselho Central da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares, reunião pela primeira vez após o assalto feito pela polícia à sede de vários organismos operários, eleva o seu mais veemente protesto contra essa prepotência policial e sauda etusivamente os organismos atingidos, em especial o Sindicato dos Impressores Tipográficos como organismo de empregados do Estado na indústria, a fim de impedir que exerçam essas funções em detrimento dos profissionais atendendo à crise de trabalho que os atinge; sobre a reorganização da Liga das Artes Gráficas de Setúbal foi incumbido o secretariado de encetar todos os trabalhos necessários à sua efectivação.

Por último foi apreciado o movimento grevista do quadro tipográfico de *A Epoca* e a solidariedade prestada pelos vendedores dos jornais, sendo resolvido que a Federação se faça representar na assemblea geral dos vendedores de jornais pelo seu secretário geral, e enviar uma circular aos organismos sobre as acumulações de empregados do Estado na indústria, a fim de impedir que exerçam essas funções em detrimento dos profissionais atendendo à crise de trabalho que os atinge; sobre a reorganização da Liga das Artes Gráficas de Setúbal foi incumbido o secretariado de encetar todos os trabalhos necessários à sua efectivação.

A assemblea magna ontem realizada foi apreciada um parecer da Comissão de Resistência sobre a crise de trabalho e a pretendida baixa de salários, parecer que descreve os factores contribuintes para a situação difícil que se atravessa e preconiza a adoção de medidas atinentes a debelá-la.

A assemblea escalpelizou a ação empreendida pelo patronato contra as regalias conquistadas pela classe e aprovou uma proposta no sentido de se realize uma nova assemblea magna na próxima quarta-feira, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de comissões de vigilância ao horário de trabalho e contra o uso do trabalho de empreitada, e fixação do salário mínimo.

A assemblea ventilou a ideia de, para conseguir-se um equilíbrio da produção, no caso de persistir a crise, reivindicar a estabilização do horário de 6 horas, de maneira a que todos os operários tenham uma situação igual, fazendo-se remunerar de forma a poderem manter as suas provisões.

A assemblea resolviu dar plenos poderes à comissão de defesa profissional para ir verificar se de facto na obra Gama Pinto se está fazendo trabalhos fora das regras profissionais. Dentro em breve realiza-se nova assemblea geral para apreciar o relatório da comissão sobre a obra Gama Pinto.

CONVOCAÇÕES REUNEM-SE HOJE:

Sindicato da Construção Civil de Sintra.—Reúne pelas 20,30 horas, a Comissão Administrativa.

DIAS PRÓXIMOS:

Federação Corticeira Nacional.—Reúne amanhã o conselho federal, na sua sede, em Mutela, pelas 12 horas, para se tratar de assuntos importantíssimos. A assembleia é de caráter desrespeitoso, prevenindo, quando do facto de conhecimento, a sua associação de classe para ela providenciar como fôr conveniente.

Mais previne todos os taneiros que não devem consentir uma baixa de salário que os patrões se propõem realizar.

Na próxima quarta-feira reúne a assembleia da classe para apreciar este assunto.

Operários licenciados das Obras do Estado

A comissão de melhoramentos da Associação de Classes dos Mestres e Operários das Obras, dos Edifícios e Monumentos Nacionais, foi ontem recebida pelo chefe de gabinete do ministro do Comércio, que ficou de transmitir ao referido ministro a grave situação em que ficam os mestres e operários das obras que paralisaram e não deparam, se o governo não autorizar as verbas de 800:000\$000 poiso art. 39º e pelo art. 49º 200.000\$000 o que ficarão sem trabalho 3700 perários, afora os 100 operários que foram licenciados.

A comissão volta na próxima segunda feira a receber uma resposta definitiva, pelo qual convida todos os operários licenciados a reuniarem-se na sede da associação, travesse do Oleiro, 13, pelas 10 horas do referido dia, a fim de a comissão seguir para o ministro do Comércio para obter a referida resposta.

dade, visto que nela sempre tiveram lugar todas as tendências.

Nos assuntos vários falam os delegados dos litógrafos, Alberto Carneiro e Alberto de Castro. O primeiro refutou algumas afirmações que, como rectificação à acta, foram feitas pelo segundo, demonstrando depois que, ao contrário do que disse Alberto Carneiro, é que está mais integrado com a opinião do seu organismo, porquanto, aprovando a moção do Sindicato Metalúrgico, quanto à questão Casa do Povo, a sua Associação confirmou-lhe plenamente a sua atitude tomada perante aquele citado documento.

Foi, por fim, resolvido novamente convidar a comissão organizadora do concelho transferido por culpa dos socialistas da rua de Camões, a fim de se resolver definitivamente o caminho a seguir.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Vida Sindical

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

COMUNICAÇÕES

Pessoal dos Tabacos.—Na passada sexta-feira, 9 do corrente, reuniu-se em assemblea geral o pessoal dos tabacos admitidos depois de 15 de Maio de 1890, para apreciação, discussão e aprovação do projecto de uma Caixa de reformas ou aposentos para o referido pessoal, e